

SAUDAÇÃO AOS ADVOGADOS DO BRASIL

A «Ordem» promoveu, há anos, uma sessão de homenagem aos advogados brasileiros.

A política trouxera até Portugal, exilados, alguns notáveis caudatários brasileiros — e ao reabrirem-se-lhes as portas da sua terra, por uma medida de generosa pacificação, a nossa «Ordem» despediu-se dêles, numa atmosfera vibrante e entusiasta, entre hinos erguidos à confraternidade dos dois povos que o Atlântico une entre si.

Falaram, dos portugueses, o Professor Dr. Barbosa de Magalhães, o Dr. Santos Lourenço, o Dr. Sousa Monteiro — e, porta-voz dos advogados, o Dr. Ricardo Mota, cuja oração merece ficar arquivada nesta Revista — tão viva está ainda na inteligência e na sensibilidade de todos os que a aplaudiram, a impressão de que se trata duma peça de rara eloquência:

«Sr. Presidente do Conselho Geral da Ordem dos Advogados :

Minhas senhoras, meus senhores :

DEVO a V. Ex.^a, Senhor Presidente, e ao digno Conselho Geral a que V. Ex.^a tão brilhantemente preside, a indicação do meu nome modesto, para saudar, em nome dos Advogados Portugueses, nesta soleníssima sessão promovida pelo Conselho Distrital de Lisboa da Ordem dos Advogados, ao qual tenho a honra de pertencer, os ilustres Advogados e homens do fôro bra-

sileiro, há já meses entre nós, e agora deabalada para a sua Pátria.

Ao Conselho Geral da Ordem dos Advogados Portugueses devo dirigir e dirijo, antes de mais, os meus vivos agradecimentos pela imerecida e honrosíssima distinção.

Preguntei a mim mesmo se poderia desempenhar-me bem de tal missão tão honrosa quanto difícil.

E, perante o problema quasi angustioso, pretendi escusar-me.

Sabe-o, melhor do que ninguém, V. Ex.^a, Senhor Presidente, e alguns Colegas o sabem.

Perante a insistência amiga de V. Ex.^a e dos meus Colegas do Conselho Geral, acabei acedendo.

Pretendi declinar o honrosíssimo encargo, não por discordância desta festa que fui dos primeiros a aplaudir quando surgiu a idéia de a realizar, — mas tão somente porque senti, desde logo, que a minha palavra não poderia nunca comportar a grandeza desta solenidade e corresponder às exigências, particularmente difíceis, deste auditório distintíssimo.

Além disso, a falta de tempo para me preparar em ordem a representar dignamente a nobre classe dos Advogados Portugueses, mais me convencia de que deveria, sensatamente, declinar o encargo, honroso e gentilíssimo, de usar da palavra nesta solene sessão.

De mais, eu não ignoro que o Brasil é uma terra de oradores, onde a palavra tem atingido a beleza perfeita e luminosa.

Sem querer, por um lado, representar precariamente os Advogados de Portugal nesta homenagem oportuna e carinhosa, e sentindo, por outro, não dever insistir na recusa que seria desprimor, aquietei-me e decidi pôr de parte a idéia de um discurso pesado e substancioso, destes que tanta vez provocam nos auditórios um repouso beatífico... e limitar-me a uma calorosa saüdação aos Advogados e Homens de fôro brasileiro que os acasos da política obrigaram a sair do seu Brasil, e vieram dar-nos o alto prazer da sua convivência durante alguns meses.

Dispensem-se, pois, os críticos, de procurar explicar a razão por que decidi aceitar o encargo de saudar os nossos distintos Colegas brasileiros que estão de partida, a-pesar-de dispôr de palavra que só pode encantar aqueles que bem me querem.

É que contei e conto com a generosidade e benevolência dêste auditório, para me desculpar e perdoar, invocadas, como invoquei já, as ponderosas circunstâncias atenuantes que militam a meu favor...

*
* *

Os Advogados Portugueses quiseram manifestar nesta sessão soleníssima, tôda a sua simpatia e admiração para com os seus Colegas e Homens do fôro do Brasil, onde o Direito tem atingido a expressão mais alta, engrandecido pelos mais altos, mais nobres e mais brilhantes servidores.

Os Advogados Portugueses despedem-se hoje aqui dos seus Colegas Brasileiros e hóspedes de alguns meses, e desejam a todos a melhor viagem e o regresso mais feliz à sua Pátria gloriosa.

Em nome dos Advogados Portugueses, saúdo calorosa e carinhosamente, nos ilustres Brasileiros presentes nesta sala magestosa, e naqueles que não puderam comparecer, todos os Advogados e Homens do fôro, dêsse Brasil longínquo, encantador e deslumbrante!

*
* *

Senhores :

Nada mais agradável para exilados do que ouvir falar da Pátria distante.

Pode ser fraca e pequena a terra onde se nasceu.

Na alma dum exilado é a maior do mundo, a mais forte e a mais bela !...

As tristezas do exílio falecem na recordação da Pátria.

Eu relembro, senhores...

Relembro, neste momento, vejo, fechando os olhos, essa cidade de maravilha e de sonho que é a Capital Federal!...

Por muito que viaje, não voltarei a ver, como há três anos, mais formosa cidade que a do Rio de Janeiro!

Fecho os olhos e vejo!...

Relembro agora... a noite profunda e macia da minha chegada à formosíssima baía do Guanabára, onde, nas águas tranquilas, cintilações da luz de um colar de pérolas deslumbravam o olhar; — vejo de novo a Avenida Rio Branco, agitada, imponente, febril...; — as suas construções monumentais...; — o mar, muito azul, brincando nas areias doiradas dessas praias formosíssimas e elegantes do Lido, da Glória, do Leme, de Botafogo, manchas vivas de côr até Copacabana...; — o Cristo monumental, no Corcovado que domina a cidade, capital sem par...; — a vegetação luxuriante de São Silvestre...; — a famosa Avenida das Palmeiras...; — a floresta imponente da Tijuca...; — o Pão de Açúcar...; — a estrada maravilhosa de Petropolis...; — Nictéroy...; — o Brasil!...

Quando cheguei ao Rio, não senti as vivas impressões de quem viaja, de quem vê novas terras e encontra novas gentes.

Não, senhores!

É que depois de doze dias de viagem sôbre o Mar Atlântico, ao chegar a outro Continente, e aportando a uma cidade de um milhão de habitantes, em tôda a parte e a tôda a gente ouvia falar a riquíssima língua portuguesa!

Quando cheguei ao Rio, senti que, partindo de Portugal, entrava na terra portuguesa!...

Portugal e o Brasil são, na verdade, «duas saüdades ligadas pelas águas azues do Mar Atlântico!».

Saüdades que vem de longe!...

Promontório de Sagres...

O Infante D. Henrique sonha...

Sôbre as penedias e alcantís, o mar rugindo em baixo, o Infante Português medita...

Taciturno, sombrio, alheio à dôr, isolado no promontório como um fantasma, o olhar duro e profundo cravado na imensidade líquida, violando dia e noite o mistério das águas, arde o Infante na febre alta de um alto sonho!...

E um dia, fazem-se ao mar as caravelas...

Sob a protecção de Deus e sob o domínio dos altos sonhos do Infante, a gente portuguesa partiu, numa aventura louca...

Os galeões e as naus vão sulcando o deserto Oceano, afrontando os procelosos ventos.

No infinito está Deus!

Na alma dos mareantes, palpita a Pátria!

E Portugal descobre enfim o Cruzeiro do Sul, e afirma na terra sagrada do Brasil o seu pavilhão heróico!

Ao Rei de Portugal escrevia, então, Pedro Vaz de Caminha: — «Deus que aqui nos trouxe, alguma razão tinha para isto».

Quatro séculos mais tarde, rompia a madrugada...

Portugal sentiu de novo saudades do Brasil.

Já tinha possuído a terra, já tinha dominado o Mar...

Então a raça ergueu-se nos espaços...

Subiu, no infinito, até atingir as regiões onde só noivam as águas!...

Subiu mais alto ainda, a caminho do Céu... onde só podem palpitar os altos sonhos!

E, alumiada de dia pelo Sol amigo dos heróis, de noite pela luz precária e opalescente das trémulas estrelas, sonho corporizado, sôbre as águas do Atlântico, ora revoltas ora tranqüilas, a velha raça heróica, uma vez mais, como se fôra de rota batida a caminho do Sol, beijava o coração do povo brasileiro, depois de um vôo glorioso e triunfal!...

Agradeço a V. Ex.^{as} os aplausos que julgo não ter merecido.

Atribuo-os, apenas, ao justificado e irrepemível entusiasmo de portugueses e brasileiros quando se evocam as duas belas aventuras da raça portuguesa, em demanda do Brasil!

Melhor, bem melhor do que eu, nos diz, dessas duas heróicas aventuras, a pena prodigiosa do grande prosador brasileiro, Coelho Neto.

Ouvi :

«Levantou-se em aventura a audácia portuguesa e foi um aforçurado trabalhar nos estaleiros da Ribeira.

«Armaram-se galeões e naus, alaram-se de velas, entalharam-se de cordoalha, abasteceram-se de víveres e a chusma enchheu-os.

«Acendendo-se, então, a lâmpada, no oratório do castelo da proa, fizeram-se ao Oceano os navegantes.

«E não houve vendavais que os detivessem, marouço que os intimidasse, brumas que não rompessem, lendas que não desfizessem, dobraram o Cabo, rumaram à Índia, outros, desviados por Deus, proejaram a Oeste, e, ao dealbar de uma manhã de Maio, avistaram-se com a terra que lhes herdou tôdas as riquezas da alma, desde a crença até o idioma e que, para nós, é a Pátria.

«Corrida a terra, singrado o Oceano, alçou-se Portugal, com a mesma temeridade, em vôo.

«Ensaçou-se, a princípio, em adejos, entre o chão lavradio e as estrelas do céu pátrio.

«Sentindo as azas fortes, estendeu as remíguas e vingou as alturas, partindo, em abalada alegre, desde o Tejo até às nossas praias, pousando, como em alcandora festiva, na haste da nossa bandeira».

Que portentoso prosador, o grande brasileiro !

Meus senhores :

Num formosíssimo estudo do eminente advogado português Cunha e Costa, a quem a morte, há anos, numa manhã gloriosa de Sol, parou, num momento, o coração e o cérebro sempre inquietos, diz o grande causídico :

«Cada um de nós, europeus, é governado por tanta gente e por tantas coisas mortas !».

Assim é, realmente.

Nesta sala magestosa e grave do mais Alto Tribunal Português, falando a um auditório notável de homens do fôro, e saudando alguns filhos ilustres do Brasil, — acode-me, naturalmente, a lembrança do maior brasileiro que foi o mais insigne jurisconsulto e advogado do Brasil, cujo nome no dizer dum tribuno português, dá reflexos que iluminam grande parte da história moderna do mundo : — Rui Barbosa !

Ao grande jurisconsulto e Advogado brasileiro, bem podem dizer respeito as suas próprias palavras, proferidas, em 1877, em sessão, solene como esta, dedicada à memória do nosso Alexandre Herculano :

«Ele não pertence à poeira inumerável das gerações que a circulação eterna da vida traz e varre indistintamente no fluxo e refluxo dos tempos !...

«Sua vida foi querer o bem, amar a verdade, vingar a justiça.

«O símbolo de Cristo, buscado em vão no sepulcro invisivelmente aberto, no sepulcro incapaz de contê-lo, e já redivivo, livre, radiante, como que se reproduz, cada vez que uma inteligência excepcionalmente poderosa, cada vez que um homem extraordinariamente justo deixa a terra.

«Onde êle não está é debaixo da lápide ; mas está e vive, cintila, cresce progressivamente na veneração dos que o contemplaram, passando, por entre os homens, como um vulto quási sobrenatural».

Perdoai, senhores, que nesta sessão festiva evoque os mortos !

Mas, assim como recordando a eloquência antiga, ainda hoje surgem, num rutilo clarão, os nomes de Demostenes e de Cícero, é impossível evocar o Brasil ou falar a brasileiros, sem lembrar logo o nome luminoso de Rui Barbosa, glória imensa da sua pátria e glória do Direito que todos nós, advogados, servimos.

¿ Como poderia eu esquecer o mais notável advogado nascido no Brasil, o maior orador das tribunas brasileiras, o mais eminente jurisconsulto que o Brasil viu nascer, o mais notável cultor, no Brasil, da língua portuguesa que é a afirmação mais bela, mais forte e duradoira da nacionalidade ?

¿ Como poderia perdoar-se-me, neste auditório de togados bra-

sileiros e portugueses, o esquecimento daquela voz que, sem temor e sem cansaço, nunca deixou de vibrar, perante os ultrajes e as ofensas ao Direito, à Liberdade e à Justiça?!

Aquela voz dourada e ardente, clarim de guerra contra as violências e arbitrariedades do poder político que se ouvia em todo o Brasil e que, um dia, assombrou o seu País e o mundo jurídico, sustentando, perante o Supremo Tribunal Federal, as conclusões do pedido do habeas-corpus em favor dos adversários do Marechal Floriano Peixoto!

¿ Como poderia esquecê-lo neste momento?

*
* * *

Chamei há pouco a Rui Barbosa o mais notável cultor da língua portuguesa no Brasil.

Na verdade, se o Direito foi servido por Rui Barbosa como ninguém melhor o serviu, Portugal e o Brasil devem ao eminente Advogado o serviço inestimável de defensor da língua pátria.

Recordo a propósito as palavras que o grande advogado escreveu no album, oferecido pelos Advogados brasileiros, ao Sr. Dr. António José de Almeida, quando êste, como Chefe do Estado, visitou o Brasil, acompanhado pelo actual Ilustre Presidente do Conselho Geral da Ordem dos Advogados, então Ministro dos Negócios Estrangeiros.

Rui Barbosa escreveu :

«A Nação Portuguesa, mãe inesgotável de heróis, poetas e grandes escritores, na pessoa do seu egrégio Chefe, o Ex.^{mo} Sr. Dr. António José de Almeida — homenagem de um dos mais convencidos pregoeiros da sua Glória e um dos mais assíduos colaboradores na preservação do seu idioma».

E que idioma o nosso, meus senhores!

Ouvi ainda um morto!

Que seria de nós todos desacompanhados da ronda dos grandes mortos!

Ouçamos a voz de António Cândido que ainda reverbera, no discurso sôbre o Centenário da Descoberta do Brasil :

«E que esplêndida língua o Brasil nos deve !

«Tôdas as raças que passaram por êste canto da terra, aqui deixaram a flor e o ideal da sua alma.

«Desde a povoação céltica e a colonização grega, de que tantos vestígios restam ainda nas nossas províncias do norte, até à invasão dos árabes que envolveram tôda a civilização da Península numa eterea poeira de luz e oiro, — as emigrações sucessivas e as conquistas supervenientes, contribuíram, tôdas, à formação desta língua admirável que, sob muitos aspectos, não tem superior no Mundo.

«Serve a tudo : à epopeia e ao idílio, à lamentosa elégia e ao cântico de guerra.

«Passando pelas cordas de uma lira, é suave e doce como a voz do amor, assoprada na tuba épica, é vibrante, sonora e grandiosa ou tímida, segundo os temas que versa, as acções que canta ou os heróis que celebra.

«O Sol doura-a, ilumina-a, aquece-a ; e a nossa paisagem, tão variada e linda, tão florida e perfumada, reflete-se nela, como na superfície clara dos nossos rios e nas ondas, de tanta côr, que o mar estende por essas praias.

«Trasladada ao Sul da América, não perdeu aí o carácter grave, nem a têmpera máscula, nem o tom de funda, indefenível melancolia que lhe imprimiu a esforçada e trágica aventura dos nossos avós, e ainda adquiriu preciosos elementos de encantadora suavidade, e de frouxa, dolente e maviosa ternura».

Como poderia, senhores, a língua portuguesa perder o seu carácter, a sua têmpera, o seu tom, se ela é a língua de Machado de Assis, de Rui Barbosa, de Coelho Neto e de Joaquim Nabuco ? !

Se é a língua em que Olavo Bilac escreveu o famoso soneto :
«Última flor do Lacio inculca e bela...»

Meus Senhores :

Um ou outro escritor brasileiro, mais ou menos erudito, um ou outro jornalista mais nervoso e irrequieto, um ou outro pluminoso desejoso de popularidade fácil, ocupa de vez em quando o seu tempo, em terras brasileiras, com referências e atitudes desamáveis para Portugal.

E Portugal sente-se, doe-se, magoa-se !

Não vale a pena a reacção, meus senhores !

Que importa o que êles dizem e escrevem ? !

Se Rui Barbosa se refere a Portugal nestas admiráveis palavras :

«Grande nação materna, atalaia Atlântica da raça latina, colocada a extremo do continente, como para sentir de mais perto, no coração do Brasil, o culto de sua origem e a crença nos seus destinos irmãos, dentro da Liberdade e do Direito».

Que importa o que êles dizem e escrevem ? !

Se Joaquim Nabuco, o grande parlamentar brasileiro, diz um dia, se bem recordo :

«Pátria da minha Pátria» se outros braços não possuísse para a eternidade da sua glória e o orgulho de portugueses e brasileiros, a Portugal bastaria o ter criado o Brasil e os Lusíadas !

Que importa o que êles dizem e escrevem ? !

Se Olavo Bilac, na sua lira de oiro, cantava, assim, o escudo português :

Ver êsse escudo é ver a terra tôda, pouca
Para a tua ambição ; é ver Afonso à espera
Dos mouros em Ourique, e em redor da galera
Do Gama, ouvir do mar a voz bramante e rouca...

Que importa o que êles dizem e escrevem ? !

Se V. Ex.^{as}, meus illustres Colegas e filhos illustres do Brasil,

tiveram, agora, nesta estadia em Portugal, ensejo de ver quanto Portugal estima os brasileiros, quanto os acarinha e quanto os estremece?!

E como não havia de ser assim?!

Não é o Brasil o filho mais querido dessa espantosa obra de colonização portuguesa?!

Podem acaso os pais esquecer ou deixar de querer bem aos filhos que se emanciparam?!

*
* *

Os Advogados Portugueses saúdam enternecidamente os Advogados e Homens do fôro do Brasil gloriosíssimo.

Nesta hora inquieta e perturbada da história do mundo, em que, dia a dia mais se ensombram os horizontes; neste momento de negras perspectivas e de loucas ambições dos fortes sôbre os fracos; em que a voz de «Guerra!» torna a enlvidecer a face da Humanidade, — é a nós, togados, defensores do Direito e servidores da Justiça, que cabe a mais grave e honrosa missão: dominar a força bruta das armas, evitando a Guerra, impondo às loucas ambições dos fortes, aos desvairados desejos de opressão dos poderosos, a força intangível do Direito e os luminosos princípios da Justiça!

Amada por tantos, odiada por alguns, ainda é a voz do fôro aquela que nunca deixou de ouvir-se através do tempo...

Em tôda a parte e em todos os tempos, no momento das grandes convulsões políticas, perante as grandes impiedades e injustiças, em face das prepotências e violências do poder, há sempre uma toga que se ergue, e uma voz de advogado, palpitante e generosa, atingindo a beleza!

Realmente nenhuma profissão é tão tocada de beleza como a nossa!

Voltaire afirma: «Eu quereria ser advogado; é a mais bela profissão do mundo!».

Na França, a palavra dos grandes oradores forenses é a única que se ouve em plena Revolução!

É Nicolas Berryer, um dos maiores advogados de todos os tempos, durante a sangueira da Revolução Francesa que, depois de persegui-la, acaba suprimindo a Ordem dos Advogados, que inicia o seu discurso famoso, perante os feros convencionais:

«Trago à Convenção a verdade e a minha cabeça! Ela poderá dispôr de uma, depois de ter ouvido a outra!».

Vai ser julgado Luiz XVI.

Quem o defende? Mallesherbes.

Retirado da vida judiciária, septuagenário, doente, é Mallesherbes que declara à Convenção que aceitará a defesa do Rei, quaisquer que sejam os perigos e as conseqüências!

Mas se assim sucede em França, do mesmo modo em Portugal e no Brasil.

Em 1892 o govêrno brasileiro, procurando livrar-se dos adversários, praticava todos os atropelos e violências, demitindo, prendendo e deportando, — depois de ter declarado o estado de sítio, — todos os que reclamavam a eleição do novo presidente da República, para ocupar a vaga provocada pela deposição do Marechal Deodoro da Fonseca.

Perante as prepotências e arbitrariedades do poder, levantou-se uma voz — a de Rui Barbosa.

E no Supremo Tribunal Federal, o grande Advogado reclama, para tôdas as vítimas do poder, a garantia do habeas-corpus.

Sustenta a petição com um calor, um desassombro, e uma argumentação inexcedíveis!

O Tribunal desatende o pedido!

O eminente advogado recorre, então, à Imprensa, e verbera a decisão.

A ditadura imediatamente deporta Rui Barbosa, glória da raça!

E passaram tempos...

Rui Barbosa sofreu o exílio da Pátria, êle que era a sua expressão mais alta e mais nobre !

Regressa, mais tarde, ao Brasil onde novamente estala uma revolta contra o govêrno de Prudente de Moraes que a domina.

Rui Barbosa deveria ser uma das primeiras vítimas da revolução !

Então, aconteceu êste facto extraordinário : Perante o mesmo Supremo Tribunal Federal onde alguns anos antes um advogado reclamara um direito constitucional que lhe foi negado e lhe valeu a deportação, a voz do mesmo advogado ergueu-se de novo reclamando essa mesma garantia da Constituição em favor daqueles que haviam decidido assassiná-lo, se a revolta triunfasse !

Êsse advogado, meus senhores, era Rui Barbosa !

Enquanto no Brasil a desordem política convulsionava a República, os seus efeitos faziam sentir-se em Portugal, e agitavam o fôro português numa página brilhantíssima.

Foi o caso da revolta do contra-almirante Saldanha da Gama.

Vencido êste official brasileiro, comandante da armada revoltada, refugia-se êle, com as guarnições que comandava, nos navios de guerra portuguezes surtos na baía do Rio de Janeiro.

Comanda os barcos portuguezes Augusto de Castilho.

Daqui resulta um conflito diplomático entre Portugal e o Brasil. Castilho é julgado em Conselho de Guerra.

Quem o defende nêsse processo famoso ? A voz do mais completo advogado que o fôro português tem tido : — Alves de Sá.

Alves de Sá, durante cinco dias, afirma e sustenta que o processo ou é ingratidão da Pátria ou abuso do poder !

E, depois de o grande advogado fechar o seu monumental discurso de defesa com um Viva à Pátria, Augusto de Castilho, o honrado marinheiro português, era absolvido por unanimidade pelo Conselho de Guerra.

O eminente causídico salvara a honra nacional !...

Não pode haver mais nobre profissão, Meus Senhores !



Agradeço a atenção gentilíssima que me tem sido dispensada.
Vou terminar.

Hoje mesmo a Imprensa portuguesa noticia que o Govêrno Brasileiro resolveu permitir a entrada de todos os exilados políticos no país.

V. Ex.^{as} devem ter pressa em regressar...

E eu não devo, assim, demorá-los.

Saüdando os ilustres colegas, em nome dos Advogados Portugueses, peço-lhes que levem aos Advogados e Homens do Fôro Brasileiros, os cumprimentos affectuosos dos seus Colegas de Portugal.

E desejo-vos o mais feliz regresso ao vosso e nosso Brasil glorioso.

Ricardo Mota